

XVIII

OS ABUSOS DO PODER RELIGIOSO

Fases da igreja católica.

Apesar dos numerosos desvios da igreja romana, que esquecera os princípios cristãos, tão logo fôra chamada aos gabinetes da política do mundo, nunca o catolicismo foi de todo abandonado pelas potencias do bem, no mundo espiritual. Advertencias inumeras lhe foram enviadas em todos os tempos da sua vida histórica, pela misericordia do Cristo, condoido da impiedade de quantos, sob o seu nome, manchavam os altares dos templos.

Enquanto esteve subordinada aos imperadores de Constantinopla, a instituição católica trabalhou para libertar-se de semelhante tutela, procurando a mais ampla independência espiritual, somente conseguida depois do papa Estevão II, em 756, com a organização iníqua do chamado Patrimônio de São Pedro, constituído por territórios conquistados aos povos gregos, á força de espada. A esse tempo, os vários soberanos da época dispunham da Igreja de acordo com os seus caprichos pessoais, conferindo dignidades eclesiásticas ás consciências mais apodrecidas. A séde do catolicismo se transformara num vasto mercado de títulos nobiliárquicos de toda a natureza. Até depois do século X, semelhante situação de descalabro moral marchava para a frente, num cres-

cendo espantoso. Os Apóstolos do Divino Mestre, nas claridades do Infinito, deploram semelhantes espetáculos de indigência espiritual, determinando a reencarnação de numerosos auxiliares da tarefa remissora, nas hostes da regra de São Bento. Estes missionários da verdade e do bem operam a restauração do mosteiro de Cluny, de onde sairiam pensamentos novos e energias regeneradoras.

Gregorio VII.

Foi nesse movimento de restauração que Hildebrando, conhecido como Gregorio VII, ouvindo as inspirações que lhe desciam ao coração, do plano invisível, preparou-se para a missão que o esperava no Vaticano. Sua figura é uma das mais importantes do século XI, pela fé e pela sinceridade que lhe caracterizaram as atitudes. Eleito papa, após a desencarnação de Alexandre II, reconheceu que as primeiras providências que lhe competiam eram as do combate ao simonismo no seio da instituição católica e as do restabelecimento da autoridade e da igreja, que ele desejou sinceramente reconduzir ao seio do Cristianismo, embora as lutas sustentadas contra Henrique IV façam parecer o contrário. Convocando um concílio em Roma, no ano de 1074, procurou reprimir a enormidade de tantos abusos referentes ao mercado dos sacramentos e ás honras eclesiásticas. Felipe I e Henrique IV prometem o seu amparo e o seu auxílio ás decisões do pontífice, no sentido de regenerar a organização da Igreja. Henrique IV, porém, prestigiado pelos bispos, culpados de simonia, fugiu ao cumprimento da promessa e, depois de exortado por Gregorio VII, tenta depô-lo, reunindo em Worms um sínodo de sacerdotes transviados. O papa excomunga o príncipe rebelado, ocorrendo então os célebres acontecimentos de Canossa. A luta ainda não havia terminado, quando Gregorio VII desprende-se do mundo em 1085, deixando, porém, o ca-

minho achanado para a Concordata de Worms, que se realizaria em 1122 com Henrique V, com a independencia da Igreja e a regeneração aproximada de sua disciplina.

As advertencias de Jesus.

Instalada nas suas imensas riquezas e dispondo de todo o poder e autoridade, a Igreja poucas vezes comprehendeu a tarefa de amor, que competia á sua missão educativa.

Habituada a mandar sem restrições, muitas vezes recebeu as advertencias de Jesus á conta de heresias condenaveis, que era preciso combater e profligar.

As exortações do Alto não se faziam sentir tão somente no seio das ordens religiosas, onde penitentes humildes proporcionavam aos seus orgulhosos superiores eclesiasticos as mais santas lições da piedade cristã. Tambem na sociedade civil as sementes de luz deixavam entrever os mais esperançosos rebentos de compreensão e de sabedoria, a-cerca do Evangelho e dos exemplos do Cristo. Neste caso está Pedro de Vaux, que, embora sendo um homem de negocios em Leão, desprendeu-se de todos os laços que o prendiam ás humanas riquezas, despojando-se de todos os seus bens em favor dos pobres e necessitados, comovido com a leitura da exemplificação de Jesus no seu Evangelho de amor e redenção. Esse homem extraordinario, a quem fôra cometida a missão de instrumento da vontade do Senhor, mandou traduzir os livros sagrados para a leitura pública e, junto de outros companheiros que passaram á historia com o nome de Valdenses, iniciou um largo movimento de pregações evangélicas, á maneira dos tempos apostolicos. Os Pobres de Leão foram excomungados, primeiramente pelo bispo de sua cidade ,e mais tarde, em 1185, pelo pontífice do Vaticano. A Igreja não poderia tolerar outra doutrina que não a sua, feita de orgulho e mal disfarsada ambição.

Qualquer lembrança verdadeira e sincera do seu divino Fundador, era tomada como heresia abominavel e suscetivel das mais severas punições. A verdade, porém, é que, se os Valdenses foram caluniados pelas fôrças catolicas, suas pregações e apelos nunca mais desapareceram do mundo desde o seculo XI, porque, com varios nomes, as suas organizações subsistiram na Europa até á Reforma, não obstante os guantes de ferro da Inquisição.

Francisco de Assis.

Os apelos do Alto continuaram a solicitar a atenção da igreja romana em todas as direções. As chamadas "heresias" brotavam por toda a parte onde houvesse consciencias livres e corações sinceros, mas as autoridades do catolicismo nunca se mostraram dispostas a receber semelhantes exortações.

Havia terminado, em 1229, a guerra contra os herejes, cujos embates atravessaram o espaço de vinte anos, quando alguns chefes da Igreja consideravam a oportunidade da fundação do tribunal da penitencia, cujos projetos de ha muito preocupavam o pensamento do Vaticano.

Mascarar-se-ia o cometimento com o pretexto da necessidade de unificação religiosa, mas a realidade é que a instituição desejava dilatar o seu vasto dominio sobre as consciencias.

Todavia, se a Inquisição preocupou longamente as autoridades da Igreja, antes da sua fundação, o negro projeto preocupava igualmente o Espaço, onde se apresentaram providencias e medidas de renovação educativa. Para isso, um dos maiores apostolos de Jesus, desceu á carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espirito resplandeceu proximo de Roma, nas regiões da Umbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os proprios atritos da palavra, porque o

seu sacerdócio foi o exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus.

Os franciscanos.

O esforço poderoso do missionário, todavia, se não conseguiu mudar a corrente de ambições dos papas romanos, deixou traços fulgurantes da sua passagem pelo planeta.

Seu exemplo de simplicidade e de amor, de singeleza e de fé, contagiou numerosas criaturas que se entregaram ao santo mister de regenerar as almas para Jesus.

A ordem dos franciscanos chegou a congregar mais de duzentos mil missionários e seguidores do grande inspirado. Eles repeliam qualquer auxílio pecuniário, para aceitar tão somente os alimentos mais pobres e mais grosseiros, e o característico que mais os destacava das outras comunidades religiosas era o seu alheamento dos mosteiros. Em vez de repousarem à sombra dos claustros, na tranquilidade e na meditação, esses espíritos abnegados reconheciam que a melhor oração, para Deus, é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações.

A Inquisição.

Muito pouco valeram as lições do bem, diante do mal triunfante, porque, em 1231 o Tribunal da Inquisição estava consolidado com Gregorio IX. Esse instituto, ironicamente, nesse tempo não condenava os supostos culpados, diretamente, à morte — pena benéfica e consoladora em face dos martírios infligidos aos que lhe caísem nos calabouços —, mas podia aplicar todos os suplícios imagináveis.

A repressão das “heresias” foi o pretexto de sua con-

solidação na Europa, fazendo-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro.

Um longo período de sombras invadiu os departamentos da atividade humana. A penumbra dos templos era teatro de cenas amargas e sacrílegas. Crimes tenebrosos foram perpetrados ao pé dos altares, em nome d'Aquele que é amor, perdão e misericórdia. A instuição sinistra da Igreja ia cobrir a estrada evolutiva do homem com um sudário de trevas espessas.

A obra do papado.

Ha quem tente explicar esses longos séculos de sombra, pelos hábitos e concepções daquele tempo. Mas, a verdade é que o progresso das criaturas poderia dispensar esse mecanismo de crimes monstruosos. Por isso, nos débitos romanos pesam essas responsabilidades tremendas quão dolorosas.

A Inquisição foi obra direta do papado e cada personalidade, como cada instituição, tem o seu processo de contas na Justiça Divina, e eis porque não podemos justificar a existência desse tribunal espantoso, cuja ação criminosa e perversa entravou a evolução da humanidade por mais de seis longos séculos.